



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16324 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 08 - Formação de Professores

“E de repente você não sabe como vai ser o amanhã”: professores e os impactos deixados pela pandemia da covid-19

Alana Belsito dos Santos - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Mônica Pereira dos Santos - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Lidiane Moraes Buechen Lemos - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001; FAPERJ e CNPq.

“E DE REPENTE VOCÊ NÃO SABE COMO VAI SER O AMANHÃ”: PROFESSORES E OS IMPACTOS DEIXADOS PELA PANDEMIA DA COVID-19

O estudo foi parte da pesquisa “De COVID a com VIDA - Ainda que remota: experiências docentes de busca de inclusão em tempos de pandemia”, entre 2020 a 2023. Investigou-se os processos de adaptação de docentes da Educação Básica e Ensino Superior à pandemia, as políticas emergenciais elaboradas no período da COVID-19 e os impactos causados na vida cotidiana, profissional e na Educação do Brasil, Argentina, Chile e Uruguai.

Neste trabalho identificamos as expectativas dos professores relacionadas a como seria o futuro, no período final da pandemia e no pós-pandemia, e os impactos na saúde física e mental dos professores do Brasil e Uruguai, dada a importância atribuída à temática pelos docentes.

Metodologicamente, este é um estudo de abordagem qualitativa (Minayo, 2001) por se aprofundar nas relações, processos e fenômenos. O delineamento é comparativo (Schneider, Schmitt, 1998), ao compreender as similaridades e diferenças, e descritivo (Babbie, 2011), pois queremos saber o quê/qual, onde, quando e como. A questão central foi: Quais as expectativas que os professores apresentaram quanto ao seu futuro quando da transição do

remoto às aulas presenciais e ao chamado pós-pandemia?

Os participantes foram docentes de escolas públicas da rede básica do Rio de Janeiro - Brasil e de Montevidéu - Uruguai e os dados foram construídos por meio de transcrições e gravações das reuniões realizadas em 2021 e referente aos anos de 2020 e 2021. A escolha entre os dois países se deu pela grande diferença de enfrentamento da pandemia. Para analisar os dados, utilizamos a Perspectiva Omnilética (Santos, 2013), que de acordo com Santos (2013, p.23), é “uma maneira totalizante de compreender as diferenças como partes de um quadro maior, caracterizada por suas dimensões culturais, políticas e práticas em uma relação ao mesmo tempo complexa e dialética”.

Brasil e Uruguai tiveram contextos distintos. O Uruguai possuía um projeto de inclusão digital conhecido como Plano Ceibal desde 2007, o que ajudou o ensino remoto e o retorno. As políticas de vacinação e combate ao vírus foram ágeis, garantindo um retorno mais rápido (2020) às atividades presenciais. No Brasil, as atividades presenciais só retornaram em 2021, com apenas parte dos docentes tendo sido vacinada. Isso contribuiu para o modo com que os professores foram afetados pelo Ensino Remoto e também no retorno ao modelo presencial.

Durante a pandemia, um sentimento comum aos docentes do Rio de Janeiro foram angústias e incertezas frente ao ensino:

Eu acho que de tudo que mais me afetou foi a incerteza. (...) esse negócio da ficha demorar a cair. Ai, depois, quando a ficha caiu, “nossa, isso vai durar um tempo”. Quanto tempo? Porque como eu sou muito programadinha, minha vida sempre foi muito “regradinha”, sabe? E de repente você não sabe como vai ser amanhã. E isso, para mim, me afetou demais. E a outra coisa que eu digo que esse ano foi para mim, é essa frase eu repito ainda hoje. Roubaram minha vida de mim. (Professora P. Reunião 13-01-2021)

No retorno ao ensino presencial, o sentimento não mudou. O momento ainda era crítico e os docentes seguiram sem apoio institucional e político.

Eu tô vivendo um dia de cada vez, eu não quero esperar mais nada. [...]Porque a gente viveu 2020, fevereiro, naquela expectativa, eu na escola nova e aí veio a pandemia. A expectativa era 15 dias de pandemia e acabou. A gente ainda está na pandemia 2 anos depois. Aí começou 2021, “não, vai melhorar, porque 2021 a vida vai voltar ao normal”. Não está normal. Então não tem mais expectativa, é um dia de cada vez. Tem que ser, porque senão a gente vai surtar, né? (Professora P. Reunião 08-12-2021)

Em Montevidéu, apesar do Plano Ceibal, os docentes demonstraram impactos em sua saúde mental pelo excesso de trabalho e falta de recursos para dar continuidade às aulas. Vimos que as políticas foram elaboradas, mas não acompanharam as necessidades reais dos docentes:

Se não for gerado o equilíbrio necessário entre formação, trabalho e ferramentas, obviamente os objetivos não serão alcançados. Penso quais serão as consequências daqui a alguns anos com todos esses alunos que estão se perdendo. Aquele aluno que estudou em um quadradinho de uma tela e agora está no sistema presencial com metade do rosto coberto e com medo e aquele olhar do outro como um perigo potencial. Socialmente, quais serão as consequências que todos iremos sofrer? (Professora R. Reunião 13-09-2021).

Essa questão de saúde mental atinge a todos, parece que o mundo vai acabar amanhã. E por outro lado, a realidade cotidiana. Vi os olhos dos alunos embotados, com medo e desconfiança. Estavam imóveis e passivos, sem o impulso de ir e fazer. Mais tarde, acredito que em nós, população de professores, o problema de saúde mental vai levar ao esgotamento. Estamos realmente exaustos porque nosso trabalho triplicou. (Professora R. Reunião 13-12-2021)

A professora do Uruguai se refere mais à sobrecarga de trabalho e ao esgotamento, às consequências da pandemia para os professores e estudantes. A brasileira mais se referiu às incertezas, sentimentos e emoções e à tentativa de não criar mais expectativas. Entre os docentes do Brasil também houve muitos relatos sobre a sobrecarga de trabalho.

Omnileticamente, vemos uma complexa trama em que as políticas públicas parecem desconsiderar - e piorar - os estados psicológicos desses docentes: de sentimento de esgotamento, medo, incertezas e insegurança por não conseguirem saber como seria seu futuro, como lidar com o novo formato e extensivo trabalho, pelos riscos da pandemia em si e pelo ensino remoto que tiveram que efetuar sem preparo para tal. No Uruguai, que apontou melhor desempenho quanto ao uso de tecnologias por conta do Plano Ceibal, o sentimento de angústia e preocupação também abundou.

Perpetuou-se a cultura da falta de cuidado à categoria docente, pois as políticas públicas não garantem esse suporte aos trabalhadores. Políticas contraditórias, que apontam para futuros incertos do ponto de vista dos docentes: faz-se um plano como o Ceibal, ou não se faz nenhum, como no Brasil, mas não se oferece condição de implementação para professores e estudantes. Como construir o futuro a partir disto? Como vai ser o amanhã? Foi o que perguntaram a si mesmos.

O ensino remoto não foi visto como um caminho de inclusão e qualidade pedagógica. O desejo em retornar ao modelo presencial se deu por: perda do contato com os alunos; dificuldades em exercer seu trabalho; priorização curricular; aumento da desigualdade e da exclusão escolar; e o declínio na qualidade educacional. Assim como as escolas não foram preparadas para migrar para o modelo remoto, também não houve preparo nem recursos ou suporte ao retorno presencial, o que gerou frustração nos professores.

Por fim, os professores foram prejudicados em sua saúde física e mental, seja por falta de apoio, valorização e cuidados por parte de seus governos e instituições. Eles apresentaram

um mix de sentimentos e sensações na transição do ensino remoto para o presencial e diante do momento chamado pós-pandemia. Os docentes seguiram durante esse período com muita insegurança, enfrentando as consequências e buscando superar os desafios impostos pela pandemia. Os prejuízos são imensuráveis.

Palavras-chave: Ensino Remoto. Expectativas docentes. Saúde Mental. Perspectiva Omnilética.

REFERÊNCIAS

BABBIE, Earl. *Métodos de Pesquisas de Survey*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, 519 p. 519.

SANTOS, Mônica Pereira dos. *Dialogando sobre inclusão em educação: contando casos (e descasos)*. Curitiba: CRV, 2013.

SCHNEIDER, Sergio; SCHIMITT, Cláudia Job. *O uso do método comparativo nas Ciências Sociais*. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001; FAPERJ e CNPq.